

OS FRANCISCANOS E A ARTE SACRA EM VITÓRIA – ESPÍRITO SANTO

ANDREA APARECIDA DELLA VALENTINA *

A história dos franciscanos no Brasil se inicia com a chegada de Pedro Álvares Cabral ao então novo e desconhecido continente, em 22 de abril de 1500. As décadas seguintes foram marcadas por missões franciscanas esporádicas às terras brasileiras, pois ainda não havia atividades missionárias organizadas como a dos jesuítas, que chegaram ao Brasil em 1549. Em 1584 foi criada a primeira Custódia¹ franciscana no Brasil com sede em Pernambuco; registrando-se a construção de vários conventos, sendo o de Nossa Senhora das Neves o primeiro em Olinda no ano de 1585; em seguida, o Convento de São Francisco da Bahia, em 1587. Em 1589, iniciou-se a construção do convento de Santo Antônio, na Paraíba. Nesse mesmo ano, foram enviados dois religiosos ao Espírito Santo para a fundação do primeiro Convento franciscano ao Sul da Custódia, o Convento São Francisco de Vitória, o que finalmente se deu em 1591. Alguns anos mais tarde, em 1659 foi criada a Custódia da Imaculada Conceição do Brasil, sob cuja jurisdição passou a estar o convento São Francisco de Vitória, sendo a construção localizada mais ao norte dessa custódia².

Vale destacar que o Espírito Santo é um dos estados brasileiros de atuação mais antiga da Igreja católica, datando a criação da primeira paróquia de 1541 – pouco tempo depois, portanto, da fundação da capitania, em 1534³. E a presença da Igreja se fez sentir de forma ainda mais efetiva no período colonial graças à atuação do clero regular, de missionários, dentre os quais se destacavam os jesuítas e os franciscanos⁴. Assim, por exemplo, em 1558 chegou ao Estado o irmão leigo frei Pedro Palácios, que ficou famoso por estar na origem do santuário de Nossa Senhora da Penha em Vila Velha, construído em 1650. Frei Pedro Pedro Palácios, leigo franciscano⁵, irmão da Ordem Terceira, um dos primeiros eremitas⁶ do Brasil, levou uma vida contemplativa e missionária, morrendo 12 anos após sua chegada, com fama de santidade, mantida até hoje pela população. De forma um pouco distinta do que ocorreu em Vila Velha, a construção do Convento de Vitória decorreu mais da busca de consolidação da ocupação do litoral brasileiro pelos franciscanos, através do movimento litorâneo missionário que estava no auge nos séculos XVI e XVII.⁷ A escolha do terreno do Convento de Vitória tomou cinco meses do ano de 1591, tendo sido por fim elegido o local hoje chamado de Fonte Grande, na época local de difícil acesso, inculto e pedregoso, uma tapera.⁸ Esta preferência se deu pela paisagem para a baía, além da água boa vinda do morro. A construção da Igreja conventual começou três anos depois e no dia 2 de Agosto de 1594 celebrou-se a primeira Santa Missa.⁹

A igreja conventual era pequena, com 3 altares ornados de talha. No altar-mor achava-se a imagem do padroeiro, e em nichos laterais, as de Santo Antônio e São Benedito.¹⁰ A Capela da Ordem Terceira da Penitência, construída, segundo Frei Röwer, na mesma data da igreja conventual e perpendicular a ela, possuía cinco ou seis altares, onde figuravam imagens de maior porte, inclusive com oito representações da Paixão de Cristo.¹¹ Nos terrenos do Convento, em meados do século XIX, possivelmente antes de 1856, foi construída a Capela de Nossa Senhora das Neves,¹² que ainda se encontra de pé.

A atuação dos franciscanos não se deu somente no universo conventual, mas também no laico, graças sobretudo às irmandades lá instaladas. Além da Ordem Terceira da Penitência,



Convento São Francisco de Vitória em 1898
Autor: Álvaro Conde - óleo sobre tela - 1946
(95 x 154 cm)

* Mestre em Artes - UFES
andrea.della@uol.com.br

¹ Custódia é o conjunto de conventos antes da formação de uma Província, sendo o custódio o superior. A Província é o conjunto de Conventos, cujo superior é o Provincial e o primeiro conselheiro é o custódio. No caso da primeira Custódia do Brasil, ela era dependente da Província Portuguesa.

² ROWER, Basílio. Páginas de História Franciscana no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1957, p. 27.

³ NOVAES, Maria Stella. História do Espírito Santo. Vitória: Fundo Editorial do Espírito Santo, 1969, p. 20.

⁴ PEREIRA, Maria Cristina. Algumas Questões para o estudo das Imagens Sacras no ES. In: *I Jornada do Patrimônio Cultural no Espírito Santo*, Vitória, 2006. (no prelo).

⁵ ROWER, Basílio. Páginas de História Franciscana no Brasil. Op. cit., p. 27.



Capela da Ordem Terceira da Penitência de Vitória-ES em 1910
Autor: desconhecido

⁶ Os Espirituais se inclinaram mais para a eremítica que representava, ao seu modo de ver, a máxima perfeição da vida cenobítica. FALBEL, Nachman. Os Espirituais Franciscanos. São Paulo: EDUSP, 1995, p. 198.

⁷ HOORNAERT, Eduardo. História da Igreja na América Latina, Tomo II. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 43.

⁸ ROWER, Basílio. Páginas de História Franciscana no Brasil. Op. cit., p. 29.

⁹ Id., p. 31.

¹⁰ Id., p. 34.

¹¹ Id., p. 33.

¹² Catálogo de Bens Culturais Tombados no Espírito Santo, Vitória, Edit. Massao Ohno. p. 146.

¹³ Id., p. 188.

¹⁴ Livro de Atas da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres. 1919 – 1937. p. 13.

¹⁵ Livro de Provisões nº 1. 1897 – 1902. 11 de junho de 1907, p. 221. Arquivo Cúria Metropolitana de Vitória.

¹⁶ BARATA, Mário. Igreja da Ordem Terceira da Penitência do Rio de Janeiro. R J: Agir, 1975. p. 55.

¹⁷ QUITES, Maria Regina Emery Quites. Imagem de Vestir: revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil. São Paulo, 2006. p. 355.

¹⁸ ACHIAMÉ, Fernando. Memórias do Passado: A Vitória através de Meio século. Vitória, Ed. Florecultura, 1999, p. 98.

¹⁹ QUITES, Maria Regina Emery. Imagem de Vestir. Op. cit., p. 78.

²⁰ BONICENHA, Wallace. Devoção e caridade. Op. cit., p. 146.

²¹ QUITES, Maria Regina Emery. Imagem de Vestir. Op. cit., p. 81.

²² CAMPOS, Adalgisa Arantes. As Ordens Terceiras de São Francisco nas Minas coloniais: cultura artística e Procissão de Cinzas. Imagem Brasileira, Belo Horizonte: Ceib, 2001. p. 195-196.

possuidora de uma capela própria, o convento franciscano abrigava a Irmandade de São Benedito. Seus devotos, negros e escravos que tinham irmandade desde 1686,¹³ possuíam sala, altar e alfaias para seu orago; a irmandade de Santo Antônio dos Pobres, instalada em 1º de Janeiro de 1920 funcionou até 1937¹⁴. Existiam os devotos de Nossa Senhora da Conceição e também os de Nossa Senhora das Neves. Têm-se registros de provisão para realização da festa de Nossa Senhora das Neves até o ano de 1907¹⁵, passando em seguida a ser realizada na Igreja São Gonçalo. Os aspectos mais visíveis dessa religiosidade laica eram as festas religiosas, muitas das quais eram seguidas por procissões, quando podia-se ver uma decoração da igreja e das ruas, com luminárias e fogos de artifício, e também dos irmãos, vestidos com as opas de cada confraria.

Além da Via-Sacra na Sexta-feira da Quaresma, a festividade de maior relevância organizada no Convento franciscano era a procissão da Quarta-feira de Cinzas, ambas sob a responsabilidade da Ordem Terceira da Penitência. Esta procissão liga-se liturgicamente à penitência desde os fins da antiguidade,¹⁶ abrindo a Quaresma e faz parte de uma tradição encontrada no Brasil desde o século XVII no litoral, perdurando até meados do século XX em Minas Gerais.¹⁷ Em Vitória, os irmãos faziam desfilarem pelas ruas da capital uma quantidade importante de imagens:

*Depois da bênção e distribuição das cinzas, cerimônia assistida por todos os Terceiros da Ordem da Penitência, pelas 4 horas da tarde, saía uma procissão pomposa de todos os santos que haviam militado sob os estandartes da penitência e que modelaram pela prática perseverante das virtudes cristãs os prosélitos de religião de Francisco de Assis.*¹⁸

Com a demolição do Convento franciscano, à qual voltaremos mais adiante, as imagens dessa procissão se dispersaram, mas sua relação nos é conhecida por um documento da metade do século XIX. Através dele, podemos perceber que, pelo menos nesse período, a Ordem Terceira da Penitência de Vitória seguia a tradição terciária franciscana. Segundo Maria Regina E. Quites, as representações encontradas nas Ordens Terceiras podem ser divididas nos seguintes grupos: imagem da Imaculada Conceição; cenas da vida de São Francisco; representações dos Terceiros franciscanos e das Ordens Primeira e Segunda; além de outras Ordens religiosas; cenas da Paixão de Cristo e devoções locais.¹⁹ A principal diferença em Vitória é a ausência de representação da Segunda Ordem franciscana e a inclusão de Nossa Senhora do Rosário, que pode ser vista como influência de uma devoção local, já que desde 1765 havia uma Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Vitória.²⁰

A mesma autora nos informa que os santos Terceiros representados nas Ordens são os primeiros seguidores dos ideais do patriarca e vão sempre trazer além dos seus atributos pessoais, aqueles que são indicativos de sua penitência, mortificação, bem como abandono dos prazeres da vida terrena visando a salvação eterna.²¹ Assim, essas esculturas possuem sempre crucifixos, a palma do martírio, cravos, disciplinas, cilícios, chicotes, ampulhetas, crânios, rosários, atributos para ajudar na penitência e na santificação.²² Maria Helena Flexor sublinha como a Contrarreforma e o Concílio de Trento deram ênfase à proliferação das imagens como multiplicadoras da própria fé, se fazendo presentes sob diversas formas, em espaços religiosos ou nos espaços de manifestação pública e coletiva de religiosidade, como as procissões.²³

Assim, em Vitória desfilavam 13 andores, todos acompanhados por um anjo portando uma tarja com uma inscrição em latim, de cunho moralizador. Cada andor podia abrigar mais de uma imagem, e era de responsabilidade de um irmão. A procissão se iniciava com uma cruz seguida das imagens do abraço de Cristo e São Francisco, e a tarja "Agite poenitentiam"²⁴. O primeiro andor

trazia uma imagem de Nossa Senhora da Conceição e a tarja *"In conceptione tua, virgo, immaculata fuist"*.²⁵ O segundo, o Cristo de pé com uma cruz e a legenda *"Tollat crucem suam"*²⁶, além da tarja portada pelo anjo com os dizeres: *"Factus obediens usque ad mortem"*²⁷. No terceiro andor, São Francisco de Assis era representado de pé com uma cruz encostada a si, tendo esta legenda: *"Imitatores mei stote, sicut et ego Christ"*.²⁸ O anjo que o precedia levava a inscrição: *"Quicumque hanc regulam secuti fuerint, pax super illos"*.²⁹ No quarto andor eram portadas as imagens de São Lúcio e Santa Bona, irmãos terceiros e símbolos da união matrimonial. O anjo precedia o andor com a inscrição: *"Quod Deus conjunxit, homo non separe"*.³⁰ No quinto andor era representado São Guálter, fundador de um convento em Portugal no século XIII, vestido de murça roxa, com báculo, mitra branca e pluvial branco. O anjo levava a inscrição: *"Consummatus in brevi, explevit tempora multa"*.³¹ É interessante observar que a representação escultórica de São Guálter Bispo não é comum. Segundo Maria Regina Emery, ela é citada apenas no Rio de Janeiro, localizada no Museu Sacro e na nave da Capela da Ordem Terceira.³²

O sexto andor era dedicado à Santa Rosa de Viterbo, titular da capela da Ordem, que trazia na mão uma cruz e no regaço do hábito um ramo de rosas. O anjo levava esta inscrição: *"Quase rosa, plantatio in jericho"*.³³ No sétimo andor seguia-se Santo Ivo, doutor da Igreja, de batina, banda, sobrepeliz e capelo. Levava na mão esquerda um livro e na direita uma pena. O anjo tinha esta inscrição: *"Bonum certamen certavi, fidem servavi"*.³⁴ No oitavo andor era carregada Santa Margarida de Cortona, terciária e modelo de penitência, representada de joelhos, cingida com cilício, cabelos desgrenhados, com crucifixo na mão esquerda e uma disciplina na direita. O anjo tinha esta inscrição: *Mulier timens Dominum, ipsa laudabitur*.³⁵ No nono andor era levado São Luís, rei de França, empunhando na mão direita o cetro e na esquerda uma coroa de espinhos. O anjo tinha esta inscrição: *Initium sapientiae est timor Domini*.³⁶ No décimo ia Santo Antônio de Noto, terciário e negro, levando uma pedra na mão direita e um crucifixo na esquerda. O anjo que o precedia levava esta inscrição: *Niger in facie, sed formosus in corde*.³⁷ No décimo primeiro era levada Santa Isabel, rainha de Portugal e terciária, com uma muleta na mão direita, rosas no regaço do manto e uma coroa aos pés. O anjo tinha esta inscrição: *Mulierem fortem quis inveniet?*³⁸ No décimo-segundo era carregada Nossa Senhora do Rosário, seguida do anjo com a inscrição: *"Hoc rozarium utile est hominibus"*.³⁹ No ano de 1867 tem-se registro de que Nossa Senhora do Rosário tinha ao seu lado São Domingos.⁴⁰ O último andor trazia a imagem do Cristo crucificado no alto do Alverme e São Francisco recebendo as chagas. O anjo tinha a inscrição: *"Mihi absit gloriari nisi in cruce Domini N. J. C."*⁴¹ Esta imagem mostrava aos fiéis São Francisco recebendo as mesmas chagas que Jesus havia recebido, fechando-se o cortejo dos andores. Seguia-se a comunidade de religiosos acompanhados por seis anjos com turíbulos e navetas,⁴² juntamente com o anjo tutelar da Ordem: "de espada em punho, com seu escudo de cruz vermelha, com coturnos escarlates, armado de largas asas, coberto com capacete de guerreiro, tendo na frente três plumas ou penachos encarnados que se agitavam ufanos pelo movimento compassado do corpo, seu peito era enfeitado com jóias e pedras preciosas."⁴³

É importante observar o caráter teatral dessas procissões. Maria Helena Flexor nos lembra como, a fim de colocar os conjuntos de imagens na rua, as Irmandades e Ordens Terceiras lançavam mão de cenários que tinham sua inspiração em modelos espanhóis, com rochas como o elemento fundamental na composição de lugar.⁴⁴ A historiografia capixaba registra em poucas linhas comentários a respeito da procissão de Cinzas, contudo, as palavras usadas são as de que essa procissão "falava muito ao coração humano, despertando idéias grandes acerca da religião que tanto policiou os nossos costumes". E ainda, que a "falange de bem-aventurados era vivo e eloqüente modelo da conduta do povo".⁴⁵ Não há suficientes testemunhos como para dizer se houve em Vitória o mesmo caráter de espetáculo como acontecia, por exemplo, no Rio de Janeiro. A respeito dessa



Foto: Andrea Della Valentina

Detalhe Sino
Frontispício do Convento S. Francisco de Vitória - 2008

²³ FLEXOR, Maria Helena Ochi. Imagens de roca e de vestir na Bahia. Revista OCHUN - Revista eletrônica de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA. Ano 2, nº2, outubro de 2005. p. 165.

²⁴ Faça penitência.

²⁵ Na tua concepção, ó virgem, foste imaculada.

²⁶ Carregue a sua cruz.

²⁷ Feito obediente até a morte.

²⁸ Sede meus imitadores, como o sou de Cristo.

²⁹ Os que seguirem esta regra terão paz.

³⁰ O que Deus uniu, o homem não separe.

³¹ Em pouco tempo de vida, realizei muitas coisas.

³² QUITES, Maria Regina Emery. Imagem de vestir. Op. cit., p. 112.

³³ Qual rosa plantada em Jericó.

³⁴ Combati o bom combate e guardei a fé.

³⁵ A mulher temente a Deus será louvada.

³⁶ O princípio da sabedoria é o temor de Deus.

³⁷ Negro na face, mas formoso no coração.

³⁸ Uma mulher virtuosa, quem a encontrará?

³⁹ Este rosário é útil a todos.

⁴⁰ Livro de Registro da Ordem Terceira de São Francisco-Vitória, 1867. Arquivo Cúria Metropolitana.

⁴¹ Estou longe de me vangloriar, a não ser na cruz de Cristo.

⁴² Livro de Registro da Ordem Terceira de São Francisco-Vitória, 1867. Arquivo Cúria Metropolitana.

⁴³ ACHIAMÉ, Fernando. Memórias do Passado. Op. cit., p. 100.

⁴⁴ FLEXOR, Maria Helena Ochi. Imagens de roca e de vestir na Bahia. Op. cit., p. 168.

⁴⁵ ACHIAMÉ, Fernando. Memórias do Passado: A Vitória através de meio século. Op. cit., p. 98.

⁴⁶ DEBRET (apud BARATA Mário, Igreja da ordem terceira do Rio de Janeiro). Op. cit., p. 55.

Foto: Andrea Della Valentina



Frontispício Convento S. Francisco de Vitória, ES - 2008

⁴⁷ BONIGENHA, Wallace. *Devoção e caridade*. Op. cit., p. 83.

⁴⁸ ROWER, Basílio. *Páginas de história franciscana no Brasil*. Op. cit., p. 56 e 57.

⁴⁹ CARNIELLI, Adwalter Antônio. *História da igreja católica no estado do Espírito Santo: 1535-2000*. Espírito Santo: Comunicação imprensa, 2005. p. 185.

⁵⁰ Id., p. 192.

⁵¹ ELTON, Elmo. *Velhos templos de Vitória*. Op. cit., p. 35.

⁵² Uma Certidão do Cartório do 2º Ofício de Notas, datada de 18 de março de 1948, determina o Sequestro dos Bens do Orfanato Cristo Rei, devido às dívidas contraídas durante seu funcionamento. Arquivo da Cúria Diocesana de Vitória, documentos avulsos.

⁵³ ELTON, Elmo. *Velhos templos de Vitória*. Op. cit., p. 37.

⁵⁴ Tombado pelo CEC em 03/05/1984, Processo nº 04/82. Inscrição no Livro Histórico nº 76, Folha 09.

⁵⁵ Livro de Arrolamento das Alfaias pertencentes à Nossa Senhora da Conceição do convento de São Francisco, 20 de novembro de 1900. Arquivo da Cúria Metropolitana de Vitória.

⁵⁶ Documento Avulso de Inventário dos Bens existentes no Convento São Francisco e dos Bens pertencentes à Irmandade São Benedito. 20 de novembro de 1900. Cúria Metropolitana de Vitória.

⁵⁷ De acordo com o Inventário manuscrito de seu acervo, conservado no NCR-UFES.

⁵⁸ Livro de Arrolamento das Alfaias e Santos pertencentes à Irmandade de São Benedito, do Convento de São Francisco de Vitória, a saber decorando os altares-móres e de Nossa Senhora da Conceição, de propriedade da Irmandade. 20 de dezembro de 1900. Arquivo Cúria Metropolitana de Vitória.

⁵⁹ De acordo com o Inventário manuscrito de seu acervo, conservado no NCR-UFES.

procissão no Rio, Debrét havia escrito: "conservaram seu caráter bárbaro, o exagero de que fora preciso revesti-las para impressionar os índios, apresentando-lhes imagens esculpidas e coloridas de gigantes proporções."⁴⁶

No entanto, toda essa movimentação não impediu a decadência do convento no final do século XIX, com a presença de poucos religiosos.⁴⁷ Segundo Frei Basílio Röwer, consta nas taboas capitulares que o último Guardião eleito foi em 1856.⁴⁸ Para alguns autores, como Pe. Adwalter Carnielli e Elmo Elton, as irmandades são em grande parte culpadas por esse processo: para o primeiro, por representarem uma "sociedade paralela dentro da Igreja causando conflitos com a hierarquia"⁴⁹ e ainda, pela infiltração do grande número de maçons nas irmandades, sobretudo após a abolição da escravidão em 1888, diminuindo assim o interesse da igreja pelas confrarias, voltando-se para outras agremiações religiosas, como o Apostolado da Oração, Legião de Maria e outros,⁵⁰ enquanto o segundo chama a atenção para a despreocupação da irmandade de São Benedito, que não fez nada pela conservação do convento, embora continuasse utilizando o alpendre para festas e leilões.⁵¹

No ano de 1898, o abandono e a ausência de freis levou à entrega definitiva do Convento à Mitra Diocesana pela Santa Sé, após consulta aos superiores da Ordem. A Diocese não reformou o Convento, demolindo-o em 1926, para construção do Orfanato Cristo Rei⁵². Ficaram de pé a Capela Nossa Senhora das Neves⁵³ e o Frontispício do Convento, tombado em 1984 pelo Conselho Estadual de Cultura.⁵⁴ Com relação aos objetos e mobílias, muito se perdeu, inclusive as imagens da Igreja Conventual, segundo descrição de livros de procissões e em livros de Inventário das Alfaias do Convento.⁵⁵ No Frontispício permanecem três sinos de bronze de diferentes tamanhos, sendo os dois maiores de propriedade da Irmandade de São Benedito, instalados em 1858.⁵⁶

Dentro do contexto apresentado, meus objetos de estudo são as imagens que compunham o convento em questão, atualmente destruído. Apesar de o espaço não mais existir, há registros na documentação histórica arquivada, sobretudo na Cúria Metropolitana de Vitória, das imagens que lá existiram; e parte dessas imagens ainda existe dispersas em vários locais, dentre eles o IPHAN⁵⁷. Além disso, há menções a essas imagens em inúmeros episódios da história local, às interferências do bispado no controle e normatização da religiosidade popular, e ainda, na documentação referente às procissões e aos conflitos entre irmandades e arrolamentos patrimoniais⁵⁸. Fazendo parte da reserva técnica do IPHAN, encontram-se identificadas as imagens de Nossa Senhora das Dores, de Santa Ana Mestra e de Santa Rosa de Viterbo. Ainda encontramos a cabeça de Santo Ivo, onde registra-se que sua imagem ocupava o sétimo andar da procissão de Cinzas, tendo sido encontrada num dos ossuários existentes no convento⁵⁹. Maria Regina E. Quites escreve que as funções das imagens de vestir as tomam vulneráveis à deterioração, e ainda diante da falta de uso e mais especificamente no caso do conjunto da Procissão de Cinzas, a falta de um local adequado para seu acondicionamento pode levar ao desmembramento de seu conjunto escultórico,⁶⁰ fato este, provavelmente, que se deu em Vitória com a imagem de Santo Ivo. Também encontramos identificados quatro anjos em madeira policromada, recentemente restaurados pelo núcleo de restauração da UFES. Esses anjos possivelmente faziam parte do retábulo da igreja devido à posição em que se encontram, virados ora para esquerda, ora para a direita, formando pares. Encontramos ainda, na igreja de São Gonçalo, a imagem de Santo Antônio dos Pobres e de Nossa Senhora das Neves.

Através desse estudo, pretendemos contribuir para a revalorização do patrimônio histórico e artístico do Espírito Santo, e também para o desenvolvimento de estudos sobre imaginária e religiosidade. Um exemplo prático diz respeito ao acervo do IPHAN, que em breve será exposto à visitação graças à reabertura do Museu de Arte Sacra. Os estudos sobre a procedência de parte de suas peças certamente serão bem-vindos ao grande público e aos especialistas.

REFERÊNCIAS

- ACHIAMÉ, Fernando. Memórias do passado: a Vitória através de meio século. Vitória, Ed. Florecultura, 1999.
- BASCHET, Jérôme e SCHMITT, Jean-Claude. L'image: fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval. Paris: Le Léopard d'Or. 1996.
- BARATA, Mário. Igreja da ordem terceira da penitência do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Agir, 1975.
- BONICENHA, Wallace. Devoção e caridade: as irmandades religiosas na cidade de Vitória-ES. Vitória: Multiplicidade, 2004.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. As ordens terceiras de São Francisco nas minas coloniais: cultura artística e procissão de cinzas. Imagem Brasileira 1, Belo Horizonte: Ceib, 2001.
- CARNIELLI, Adwalter Antônio. História da igreja católica no estado do Espírito Santo: 1535-2000. Espírito Santo: Comunicação Imprensa, 2005.
- Catálogo de bens culturais tombados no Espírito Santo, Vitória: Editora: Massao Ohno.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Ante el tiempo: historia del arte y anacronismo de las imágenes. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2006.
- _____. Ouvrir vénus: nudité, revê, cruauté. Paris: Gallimard, 1999.
- _____. Devant l'image: question posée aux fins d'une histoire de l'art. Paris: Minuit, 1990.
- ELTON, Elmo. Velhos templos de Vitória e outros temas capixabas. Vitória: CEC, 1987.
- _____. Logradouros antigos de Vitória. Vitória. Vitória: EDUFES, 1999.
- HOORNAERT, Eduardo. História da igreja na América Latina. Tomo II. Petrópolis: Vozes, 1977.
- NOVAES, Maria Stella de. História do Espírito Santo. Vitória: Fundo Editorial do Espírito Santo, 1969.
- PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. Uma arqueologia da história das imagens. In: GOLINO, William (Org). A importância da teoria para a produção artística e cultural. Vitória, 2006. Site: <http://www.tempodecritica.com/link020122.htm>.
- QUITES, Maria Regina Emery. Imagem de vestir: revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as ordens terceiras franciscanas no Brasil. UNICAMP: São Paulo, 2006.
- ROWER, Basílio. Páginas de história franciscana no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1957.
- SCHMITT, Jean-Claude. A imaginação eficaz. Signum 3. São Paulo: Fapesp, 2001.

Foto: Andrea Della Valentina



Nossa Sª das Neves - Imagem de Vestir
Acervo: Igreja São Gonçalo – Vitória, ES

Foto: Andrea Della Valentina



Imagem de Santo Antônio dos Pobres - madeira policromada
Acervo: Igreja São Gonçalo – Vitória, ES